

Filhos de Deus

“Se vocês sabem que ele é justo, saibam também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele. Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu” (1João 2.29-3.1).

Nestes dois versículos, chegamos a uma nova seção desta carta do apóstolo João, seção iniciada no capítulo 2, versículo 29. Trata-se de um novo movimento no argumento apresentado por João aos cristãos a quem ele escrevia, e creio que podemos dizer, se tais comparações são possíveis e legítimas nestas questões, que, em certo sentido, o apóstolo prossegue aqui para um argumento mais profundo, algo ainda mais perspicaz. Antes de prosseguirmos, tentemos tornar clara a conexão em nossa mente, ao nos afastarmos mais uma vez, por um momento, e ao observarmos o esquema geral, que consiste, eu gostaria de lembrá-los, em algo parecido com isto:

O grande objetivo do apóstolo ao escrever é que essas pessoas possam ter alegria completa; esse é o tema anunciado no versículo 4 do primeiro capítulo: “Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa”. É possível aos cristãos, nesta vida e neste mundo, tal como ele é e com todos os seus problemas e suas provações, sentir uma alegria completa. E o desejo deste homem idoso, a condição em

que se encontrava o apóstolo ao escrever a sua carta, é que esses cristãos pudessem usufruí-la ao máximo. Assim, sua preocupação consiste em lhes dar alguma orientação sobre como isso é possível, e a primeira grande coisa que ele lhes diz na sua carta é que devem sempre ter em mente que podem ter comunhão com o Pai e com o Filho por meio do Espírito Santo. Apesar de estarmos aqui na terra, podemos ter – e de fato temos – comunhão com Deus.

Em seguida, ele passa a mostrar que se essa for a primeira coisa que precisamos perceber, então devemos também perceber imediatamente que há certas condições que são absolutamente vitais e essenciais para a conservação dessa comunhão e dessa caminhada com Deus. E estivemos considerando¹ essas condições delineadas no primeiro capítulo da Epístola e em todo o segundo capítulo até o fim do versículo 28. Nós já consideramos de forma detalhada essas condições controlando a comunhão e a amizade com Deus.

Em certo sentido, elas podem ser resumidas em uma palavra, e é a palavra *justiça*. João vem dizendo isso de maneiras diferentes: “Deus é luz; nele não há treva alguma” (1.5); portanto, devemos “[andar] na luz” (v. 7); isso é ser justo. E, da mesma forma, devemos “obedece[r] aos seus mandamentos” (2.3); isso é justiça. Mais uma vez, devemos amar os irmãos; isso, também, é uma manifestação da justiça. Ele nos diz: “Não amem o mundo nem o que nele há” (2.15); essa é uma manifestação negativa da justiça; e, é claro, devemos evitar todas essas sutis e sedutoras tentações a nos afastarmos da nossa crença fundamental, porque, à parte do Senhor Jesus Cristo, não há nenhuma justiça.

¹ Cf. os volumes anteriores desta série, *Comunhão com Deus e Andando com Deus*.

A justiça, então, é a coisa que é essencial para a comunhão com Deus; em outras palavras, a grande ênfase desta Epístola – do começo ao fim – é a ênfase ética. João está desejoso de que eles percebam que essas condições devem ser observadas. As grandes bênçãos nos vêm gratuitamente em Cristo, mas se quisermos usufruí-las e continuar a usufruí-las, então devemos andar dessa forma justa. Esse é o argumento até o fim do versículo 28 do capítulo 2.

Todavia, aqui no versículo 29, chegamos a um daqueles pontos de transição. Vocês veem a conexão; João a coloca assim: “Se vocês sabem que ele é justo, saibam também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele”. Ora, essa é uma nova chave. “Em outras palavras”, diz João, “eu gostaria que vocês percebessem que, como resultado da obra do Senhor Jesus Cristo, vocês não só se encontram em comunhão com Deus, mas vocês também se tornaram filhos de Deus; são nascidos de Deus. Vocês não se encontram num novo relacionamento apenas de modo externo; existe um relacionamento vital interno. Não se trata apenas de vocês terem comunhão e associação com Deus, mas vocês se encontram numa união vital com Ele. Vocês estão em Cristo, e Cristo está em vocês, e essa coisa vital lhes aconteceu.” Ora, esse é o tema que ocupa a nossa atenção nesta Epístola até alcançarmos o primeiro versículo do capítulo 4. Esse é o tema todo, em especial do capítulo 3 até o 4 – o fato de sermos assim nascidos de Deus e estarmos nesse relacionamento interno e orgânico com Ele.

E aqui, é claro, João novamente está produzindo outro argumento para nos mostrar a importância absoluta da justiça. Se a justiça é essencial para um relacionamento externo e para caminhar com Deus, quão mais essencial ela é, obvia-

mente, por causa do relacionamento que existe entre nós e Deus nesse sentido orgânico vital. Se, como companheiro de Deus, eu preciso viver uma vida de justiça, quanto mais precisarei viver uma vida de justiça como filho de Deus! Vejam, é por isso que eu sugiro que o argumento prossigue neste ponto para um nível mais profundo. As comparações, como já sugeri, são quase ridículas nesse ponto, pois estar em comunhão e em amizade com Deus é um privilégio tão grande que não se pode considerar nada como sendo maior e melhor. Entretanto, aqui somos lembrados de que nascemos de Deus; portanto, o argumento a favor da justiça é bem reforçado. E, como veremos, o apóstolo elabora mais uma vez esse argumento de relacionamento com Deus, ou de nascer de Deus, exatamente nos mesmos termos que ele elaborou o argumento da comunhão. Devemos guardar os mandamentos; devemos amar os irmãos; devemos evitar as coisas do mundo e aqueles espíritos sedutores que nos afastariam da doutrina central. É outro argumento a favor dessa vida e caminhada em justiça baseado nesse relacionamento interior com Deus, e não na comunhão exterior com Ele.

Assim, esse é o tema, e João o anuncia à sua maneira, sem rodeios. Trata-se do ponto do versículo 29 do capítulo 2, e ele o expressa de forma muito interessante. Ele diz: “Se vocês sabem que ele é justo, saibam [ou percebam, ou compreendam] também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele”. Ora, ele não diz: “Vocês sabem que todo aquele que é nascido dele pratica a justiça”; ele o coloca da forma contrária. Assim, ele quer dizer que, se vocês virem homens e mulheres vivendo de forma verdadeiramente justa no sentido do termo “justiça” no Novo Testamento, podem estar bem certos, diz João, de que eles são nascidos de Deus.

A justiça obviamente não significa apenas moralidade, tampouco significa viver uma vida boa. Há muitas pessoas que estão fora da Igreja cristã hoje que negam os elementos da fé cristã, mas que são bastante morais e decentes. São pessoas boas, usando o termo “bom” com conotação moral ou filosófica, mas elas não se conformam ao que o Novo Testamento quer dizer com o vocábulo *justo*. O termo *justo* significa a qualidade, o tipo de vida que foi vivida pelo próprio Senhor Jesus Cristo.

Assim, João faz a seguinte afirmação: “Todo aquele que pratica a justiça...” Se virem pessoas vivendo o tipo e a qualidade de vida vivida pelo Senhor Jesus Cristo, vocês poderão saber com certeza, diz João, de que são nascidas de Deus – elas não poderiam fazê-lo de outra forma. Ninguém pode viver de verdade o Sermão do Monte até ter nascido de novo; o Sermão do Monte é impossível para o homem ou a mulher natural. De fato, a totalidade da vida cristã é impossível para tal pessoa, e não importa quão boas as pessoas sejam, elas não podem viver a vida cristã. Elas podem viver uma vida moral e ética, até certo ponto, mas não podem viver a vida cristã, e o Novo Testamento nem sequer lhes pede isso. O padrão de vida do Novo Testamento para os cristãos condena o homem ou a mulher natural, e deve levá-los a perceber a necessidade absoluta do novo nascimento.

Agora, em certo sentido, esse é o tema de João, esse é o seu grande argumento. Em seguida, ele o retoma assim: “Se, então, somos nascidos de Deus, não se segue necessariamente que devemos viver certa qualidade e certo tipo de vida?” Esse é o argumento que ele elabora do versículo 3 no capítulo 3 até o final do capítulo. “É incoerente se não estivermos vivendo assim”, ele diz; ele ridiculariza isso.